

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DAS PROFISSÕES NO IMAGINÁRIO INFANTIL-
UM ESTUDO DESSA QUESTÃO NO AMBIENTE ESCOLAR**

ANGELA CRISTINA BANDEIRA DE OLIVEIRA

Mat: 03/73257

BRASÍLIA-DF

2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DAS PROFISSÕES NO IMAGINÁRIO INFANTIL -
UM ESTUDO DESSA QUESTÃO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Dr^a Hέλvia Leite Cruz.

ANGELA CRISTINA BANDEIRA DE OLIVEIRA
BRASÍLIA-DF, Julho de 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DAS PROFISSÕES NO IMAGINÁRIO INFANTIL-
UM ESTUDO DESSA QUESTÃO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia, à Comissão
Examinadora da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, sob orientação da
professora Dr^a Hélvia Leite Cruz.

ANGELA CRISTINA BANDEIRA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA-DF, Julho de 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DAS PROFISSÕES NO IMAGINÁRIO INFANTIL –
UM ESTUDO DESSA QUESTÃO NO AMBIENTE ESCOLAR**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Hέλvia Leite Cruz - UNB (orientadora)

Mat.: 104320

Prof^ª Dr.^a Maria da Conceição da Silva Freitas

Mat.: 2005773

Prof^º Dr^º José Zuchiwschi

Mat.: 1045890

"O desenho não reproduz as coisas,
mas traduz a visão que delas se tem."

Pierre Francastel

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, minha maior referência de dedicação, amor, bondade, bem como o amor à vida e a natureza. Demonstrando esse amor, cuidando ao longo da vida, de outras crianças, além dos próprios filhos.

Ao meu pai, com seu olhar subversivo, frente às modernidades desse mundo e verdadeira valoração às coisas simples da vida, aos elementos essenciais da natureza: a água, o ar, o fogo e a terra, e ao cultivo de seus hábitos simples do interior de Minas Gerais.

Aos meus irmãos pela companhia, em toda uma vida de convívio, aprendizado, brincadeiras e companheirismo em família. E a certeza que temos muitas marcas, histórias e características em comum.

Às crianças que fazem desse mundo um lugar mais alegre, com sua novidade e alegria diante do mundo, vontade de aprender, e sabedoria peculiares às crianças, nos inspiram e nos ensinam a viver melhor.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas da turma por tornarem a ida à faculdade mais viva, humana e divertida. Tornando assim o convívio e estudo, um enlace de relações gratificantes, troca de experiências, diversidade de tendências, histórias de vida, num ambiente onde o contato com a natureza e os saberes, tornam o amanhecer e entardecer como esperanças de um mundo melhor e multifacetado de sabedoria, arte, relações significativas, filosofia, poesia, saraus e manifestações culturais.

Ao diálogo com os saberes dos mais variados autores e tendências atuais e clássicos da educação e áreas afins, e dessa forma, a oportunidade de comparar/entrelaçar várias opiniões, tendências, trazer à tona um pouco do manancial de informações que foi formado em vários séculos de civilização, teorias, pressupostos, ideais, pensamentos abrangentes, que agregam ao nosso conhecimento, um olhar treinado e discernidor de várias contradições, problemas e questões vivenciadas pelo homem e que influenciam na vida, família, escola e relações sociais.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UNB e sua preocupação em ter o olhar voltado aos alunos com situação social menos favorecida e esforço em colocar em prática vários princípios da Educação. E a professora Hέλvia Leite Cruz, por sua disponibilidade e acolhimento voltados ao auxílio e aporte a execução deste trabalho.

SUMÁRIO

Resumo	3
Memorial	4
Apresentação	11
Introdução	12
Problema	14
Objetivos	15
1. Imaginário	16
1.1 O imaginário e seu campo de Pesquisa – Estudos sobre o imaginário	16
1.2 O imaginário na representação por desenhos	18
2. Atividades aplicadas na turma sobre as profissões	23
3. A escolha profissional	37
3.1 A escolha profissional e sua importância no curso da história	37
3.2 Influências da sociedade pós-moderna	40
4. A escolha profissional e sua formação na criança	44
Considerações Finais	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

Representação das Profissões no Imaginário Infantil

Angela Cristina Bandeira de Oliveira

RESUMO

O presente trabalho consiste na intervenção e aplicação de atividades experimentais com a finalidade de se entender a temática das profissões. A metodologia usada consistiu em uma proposta de representação em forma de desenho com a temática. "O que você vai ser quando crescer", em uma escola com alunos da 3ª série. Partindo de representações das imagens das profissões lembradas na memória por parte das crianças, vão sendo trabalhados os conceitos de significação, símbolos, imagens, imaginação, imaginário relacionadas as profissões, tendo como pano de fundo a sociedade atual, com suas contradições e questões, relacionadas ao trabalho. A inspiração para o aprofundamento teórico, foram as imagens elaboradas pelas crianças, que representam símbolos e representações da sociedade atual, que tem no consumismo seu motor de estímulo a várias atividades, inclusive a escolha profissional. Os teóricos utilizados basearam-se em autores da área da Sociologia da Educação e da Psicologia Sócio-interacionista, que tratam do tema do imaginário em representações gráficas ou na escrita ou em situações de brincadeiras e jogos.

Palavras-chave: Imaginário, Profissões, Representações, Atividades experimentais, Percepções.

MEMORIAL

Família

Sou de uma família de quatro irmãos, dois meninos e duas meninas. Nasci aqui em Brasília. Meu pai veio de Minas e minha mãe do norte do Goiás, se conheceram num conjunto habitacional em Taguatinga e logo meus pais ganharam uma casa na cidade-satélite de Ceilândia. Então a maioria das minhas experiências de vida, aconteceram aqui no Distrito Federal. Meu pai é mineiro de Pains e minha mãe da cidade goiana de Aparecida do Norte. A família formada foi fácil conseguir uma casa, nos novos espaços de moradia.

Minha mãe foi a responsável por nossa educação e cuidado, até entrarmos na escola pública. Tive muita sorte de ter uma mãe maravilhosa, que nasceu para ser mãe e ama o ser mãe: os cuidados e brincadeiras com as crianças. Tenho muitas lembranças do carinho da minha mãe por todos nós. Ela costurava, nos ensinou a costurar, cozinhava muito bem e fazia tudo que nós queríamos. Minha mãe não trabalhava e dedicou sua vida a cuidar dos filhos com muito amor, e ia muito além do que podia com seu carinho, tinha paciência de sobra e de vez em quando costurava nossas roupas, roupas para as bonecas, muitas atividades do lar se tornavam brincadeiras, como fazer biscoitos, massas, bolinhos. A nossa situação econômica não era das melhores, mas nunca nos faltou nada.

A minha memória infantil se dá a partir dos quatro anos, antes dessa data, não lembro de muita coisa. Sei que me interessava muito pelos livros, que existiam espalhados pela minha casa. Um pouco influenciada pelos meus dois irmãos mais velhos que já iam a escola. Via-os chegarem com seus cadernos e mochilas e era apaixonada por essas coisas, e morria de vontade de poder ir à escola também. Com esse interesse e influencia, aos quatro anos já sabia escrever meu primeiro nome. Aos cinco já escrevia o segundo nome e já gostava de assistir um programa de alfabetização que passava na televisão com uma professora muito atenciosa. E eu sempre insistia para minha mãe me passar alguma atividade escolar, tinha até um caderninho para acompanhar o programa e fazer algumas atividades. Com esse processo aos seis anos eu já sabia ler, escrever e fazer algumas contas. A escola à época recebia os alunos com 7(sete) anos de idade. Minha mãe sabendo que eu já estava adiantada, me levou à Escola que os meus irmãos já estudavam para conversar com a diretora. A diretora fez uns testes comigo, como ler um jornal e

fazer algumas contas e então resolveu que eu entraria logo na turma da 2ª série. Desse modo não fiz o pré-escolar, ou o jardim de infância e isso teve suas conseqüências. Estranhava a sala de aula, lembro que minha mãe me levava à escola e eu não queria entrar dentro de sala, ficava chorando do lado de fora, e às vezes não entrava. A professora era uma pessoa muito boa e paciente, me lembro até hoje do nome dela, se chamava “Divina”. Aos poucos fui me acostumando aquele clima, e não tive problemas para acompanhar a turma, pelo contrário a professora me elogiava muito nas reuniões de pais. Admirava como eu não errava as palavras e escrevia na folha retinho.

Não me lembro bem em que momento, mas vejo agora, que aquele entusiasmo todo foi se perdendo, comecei apenas a achar normal e necessário ir à escola, ia acostumando com aquela rotina escolar como parte do meu dia, da minha vida, não me dava conta que já a partir daí, eu havia entrado num mundo não tão interessante, como a minha expectativa de menina curiosa, criou.

Quando chegava em casa só pensava em brincar, em casa inventávamos todos os tipos de brincadeira. Tenho mais três irmãos, e nós quatro éramos muito unidos nessa época, andávamos bastante de bicicleta pelas ruas da nossa quadra, joguinhos, era uma época de se cansar de tanto brincar. Não posso reclamar que não brinquei muito na infância e assisti a inúmeros desenhos animados.

Não tive dificuldades de aprendizado até o término do Ensino Fundamental, pelo contrário costumava ser aluna destaque devido às minhas notas. Ao final da 5ª série mudei de escola. Surgiu a Fundação Bradesco – Escola de 1º e 2º graus, aqui na Ceilândia e muitos alunos emigraram para lá, como foi o meu caso. Essa escola tinha uma estrutura física muito boa, mas a parte social sofreu momentos de retroação e ostracismo, principalmente porque acabei numa turma que me atrapalhou bastante, eles não eram nada receptivos, e eram adolescentes que adoravam ficar criticando alguns colegas, xingando e tornando a vivência na escola algo muito sofrível, de qualquer forma continuei nesta escola, terminei o Ensino Fundamental e Segundo Grau Profissionalizante em Técnico em Administração. O curso Técnico era oferecido apenas no horário noturno. A escola era super organizada e limpa, como horários cumpridos rigorosamente, com regras e normas. Houve mudança na turma, os alunos no curso Técnico já se mostravam mais calmos e maduros.

Trajetória Profissional

O sonho de boa parte dos alunos dessa época era começar a trabalhar logo e já ganhar dinheiro, até mesmo fazendo um estágio em banco. Cheguei a fazer também o estágio na Caixa Econômica. O curso técnico era oferecido à noite. Depois do Segundo Grau faço alguns cursos básicos no Centro de Educação para o Trabalho e tão logo isso é possível, começo a trabalhar em uma Empresa de Pneumáticos no Setor de Contabilidade. Desse modo começo a trabalhar o dia inteiro. Mas o meu sonho desde muito antes de terminar o Segundo Grau era passar num concurso e fazer uma faculdade.

Primeiras percepções da UNB

A UnB tem um ritmo próprio, dos lugares que eu já conheci em Brasília, a UnB é única, um lugar cheio de histórias, gente interessante, um ambiente libertário, repleto de cabelos vermelhos, tatuagens, piercings, estilo rastafari, hippies, regueiros, dreadlocks, enfim repleto de estilos diferentes, é curioso ficar observando a diversidade e a naturalidade dos tipos que circulam pelo minhocão. A UnB também é um lugar de intelectuais, inteligentes, quase uma cidade dentro de Brasília. Um lugar imenso e intenso. A natureza predomina e chama a atenção e a arquitetura antiga relembra tempos antigos e nostálgicos. A disposição das árvores e os caminhos que parecem ter sido feitos por alguém que já foi estudante e que conhece nossas necessidades de uma alameda de árvores em cada caminho, um banquinho debaixo da árvore, uma pausa para pensar, descansar ou simplesmente conversar assuntos triviais na hora do lanche. E o interessante na UnB, é que ela não é totalmente vedada ao público, não há grades, os visitantes podem até mesmo andar livremente por entre os prédios, enfim é um lugar amplo e aberto.

A recepção

O pessoal do CA foi presente e objetivo no que eles se propuseram a fazer, uma semana de recepção gratificante e memorável, com a interação entre os alunos, pareceu que haveria depois um clima de maior entrosamento entre os calouros e veteranos, o que acabou não

acontecendo, porque eles próprios se afastaram. A maior mensagem que ficou foi a que o Dimitri, também aluno de Pedagogia, conhecido por fazer parte do Centro Acadêmico e possuir um bom discurso, falava muito. “Que o movimento estudantil também ensina, faz parte da Faculdade”, é ação, luta, aprendizado, vida.

Percebi que a minha turma era bastante heterogênea, não foi o processo do PAS, e não havia só adolescentes, mas pessoas mais velhas, o que enriqueceu bastante as aulas. A turma inicial era muito boa, nesse momento o professor Armando Velloso, elogiou muito a turma, dizendo que sabia desde o início que a turma desenvolveria muito bem. Havia um músico, um pastor muito carismático e participativo, uma menina que tinha feito aulas de circo, histórias de vida escolar diversas, algumas boas e outras nem tanto. A alma de cada uma ia se desenhando a cada semana.

Oficina Vivencial

Do ponto de vista pedagógico, a principal lição que eu tive, foi que as aulas não precisam ser pesadas e conteudistas, para terem qualidade. A leveza e o bom humor são fundamentais. O carisma e a habilidade do professor aliando-se a mágica e a novidade do momento tornaram as aulas inesquecíveis, eternizamos aqueles momentos. Com as atividades em grupo, foi muito interessante, pois a turma pode mostrar suas várias facetas, a personalidade de cada uma das pessoas, foi muito enriquecedor e humano, sem trabalhos desgastantes e excesso de leituras.

Projetos

Compreendi que o projeto 1 começava a abrir as portas da UnB, chegamos a fazer uma entrevista com os grupos de pesquisa da FE professores de áreas diferentes, para podermos ter uma idéia das diversas áreas da educação na UnB, os projetos, os resultados. Ouvimos várias palestras que iriam nortear nossa vida acadêmica. Meu grupo fez uma entrevista com a prof^a

Cláudia Dansa da Educação Ambiental, que tem um vasto conhecimento sobre a área, e assim descobri muitas coisas sobre os vários grupos de pesquisa e foi importante para já irmos conhecendo as áreas em que poderíamos nos especializar e aprofundar futuramente.

Compreendi que o projeto 1 consiste num espaço curricular, com a finalidade dos alunos conhecerem a UnB, sua organização, funcionamento, projetos, pesquisas, atividades de extensão, vivenciando e descobrindo estas informações em grupo. Também fizemos várias considerações sobre a escola, utilizando para isso o livro *Cuidado, Escola!*, que apresenta várias críticas à escola de forma bastante direta e fácil de entender. Outro trabalho desenvolvido foi a reconstrução da história educativa individual, por meio de uma caixa museu, onde descobrimos muitas coisas sobre nossos colegas e sobre nós mesmos.

Tivemos várias palestras informativas, no primeiro e segundo semestre do curso. Numa dessas oportunidades tivemos uma exposição com a coordenadora do curso de Pedagogia, prof^a Sônia Marise, sobre o Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia. Ela foi rápida e direta na sua explanação, elucidando muitas dúvidas. Ela foi bastante realista, disse que o curso de pedagogia está com 10 anos de atraso, que a Orientação Educacional estava em extinção. Também falou que a partir do segundo semestre, quem não estivesse seguro da sua resolução de fazer o curso de pedagogia, não conseguiria continuar.

A coordenadora comentou bastante sobre o currículo novo, que começou em 2º/01 preferindo chamá-lo de nova proposta curricular. Ela enfatizou sobre a necessidade do aluno buscar ter experiência na área educacional de ensino, e dos próprios estudantes e profissionais da educação lutarem pela sua valorização, pois eles mesmos acabam corroendo à imagem do pedagogo, não se dedicando à carreira como outros profissionais. Recebemos aconselhamentos nesse dia sobre o perfil profissional do pedagogo, que deveríamos ler muito, não somente pedaços de livros (xerox) que são distribuídos pelos professores e frisou que aqueles que estavam na pedagogia apenas por fazer ou por não ter conseguido entrar no curso desejado, iriam ter problemas futuros.

Gostei de como as aulas dessas duas disciplinas foram dirigidas, marcaram muito o momento, que foi o de estarmos conhecendo, novos espaços, novas pessoas, desvendando o passado e o futuro, expressando as emoções presentes. A turma foi entrando numa sinergia bacana.

No semestre seguinte o Projeto 2 não avança muito na proposta inicial e ficou um pouco repetitivo, é falado muito sobre o que é uma Universidade, Universalidade e vamos fazer uma entrevista com um pedagogo. Foram realizadas muitas discussões sobre o que é ser pedagogo e as possibilidades de atuação desse profissional diante do novo currículo. Eu escolhi entrevistar uma coordenadora pedagógica da Polícia Civil.

Chego a conhecer o Projeto Filosofia na Escola, pegando um ônibus saindo da UnB que levava os alunos até Planaltina, mas a maioria dos Projetos são oferecidos à tarde, no horário que eu trabalho. Daí para frente tínhamos que escolher um projeto mais específico, e não tive muita chance de escolha do Projeto 3, fiz então as duas fases do Projeto de Economia Solidária, porque era oferecido no sábado pela manhã. Observei que havia inúmeras opções, mas os horários limitavam a minha escolha. Na primeira fase que cursei, realizei estudos teóricos sobre a história, conceitos de associação, cooperativa, seminários, exposições orais sobre os conceitos iniciais. A parte teórica era muito interessante, mas não víamos muito futuro na prática.

Semana de Extensão

A primeira semana de extensão foi muito gratificante para mim, me empolguei com a possibilidade de conhecer alguma atividade em outra faculdade, escolhi a Faculdade de Comunicação Social, onde haveria uma palestra sobre erros e mentiras do jornalismo, com o jornalista, foi interessante por que eu pude descobrir um pouco mais de um outro espaço, pois ficamos tanto tempo na FE.

Aulas de Psicologia, filosofia e Artes

Gostei de estudar Psicologia da Educação, as matérias da psicologia foram muito extensas, mas talvez pela organização do conteúdo, tanto em livros, como os seminários dessa disciplina, senti que tive uma facilidade maior para entender as teorias. Já no primeiro semestre do curso, entramos em contato com as teorias sobre Piaget e Vigotski, o interacionismo, as fases do desenvolvimento, depois outros autores apareceram como Freud e Skinner, entre outros. É interessante que a visão de cada autor tem pontos fortes que coincidem com a realidade, mesmo sendo controversos entre si, são dignos de nossa atenção e são a base para novas investigações.

Ainda assim, há um grande desafio em qualquer disciplina para o grupo dar conta de todo o conteúdo, aí vem os vários seminários, que por vezes acabam dividindo as áreas de estudo. E o grupo acaba sempre se dedicando mais ao seu tema. O que é um pouco angustiante nesses estudos é o fato de sabermos que existe tanta coisa interessante, congressos, uma enormidade de livros escritos, muito bons, saber como poderia ser trabalhado e constatar como a escola pública é limitada em suas possibilidades pedagógicas.

Tínhamos que ser muito objetivos nos nossos estudos para dar conta, no início me interessei por Artes e Filosofia. Mas vi que a área de artes era um pouco limitada e filosofia é rodeada por um certo preconceito. Muitas vezes eu quis me aprofundar sobre um ou outro autor ou mesmo a filosofia, mas as demandas de outras disciplinas falavam mais alto.

Tivemos uma professora de filosofia muito boa, que é a Juliana Merçon, ela me fez pensar e me inquietar sobre muitos temas e problemáticas da educação e sala de aula. Formávamos círculos, e tivemos construções muito boas de aula apesar da turma ainda estar numa fase inicial e não participar muito da aula. A fala ou turno de voz ficava mais com os alunos homens da sala, que à época eram um bom número. As aulas em geral tiveram um caráter um pouco massacrante. Se pegássemos um pouco mais de disciplinas, o volume de leituras era enorme, e já não sobrava tempo para se fazer outra coisa. Encontrar um bom ritmo de estudos sempre foi um desafio.

As aulas de História da Educação tinham um enfoque pessoal, cada aluno contava um pouco do histórico da sua vida, o que permitiu vermos várias nuances e experiências de vida, e muita teoria, muitos textos para lermos e os conceitos iam se misturando: Marxismo, Diversidade, Gênero, Cultura (Roque Laraia), Filosofia, Sociologia. Foi uma época de muita correria, deslocamentos, excesso de leitura, em alguns momentos do curso chegava a ficar estressada. A partir da reflexão das histórias de vida (lembranças da escola, escolha profissional, processos de formação, prática pedagógica), fomos tecendo uma colcha de retalhos educativa.

APRESENTAÇÃO

Entendendo que a criança se desenvolve na interação com o meio em que está inserida e que os adultos que com ela interagem são responsáveis pelo referencial que constituíra a base de suas vidas relacionais; e também, que o processo de desenvolvimento infantil sofre influência de mudanças que ocorrem em nossa sociedade – é importante compreender as características da contemporaneidade que perpassam tanto a instituição como a prática docente.

No decorrer do trabalho surge a proposta do desenho como revelador do imaginário, que é na minha concepção, um dos grandes momentos da atividade educativa, que necessita de maior preparo e maior abrangência da visão do professor, para outras possibilidades de interpretação.

O trabalho tem como referência o desenho e a escrita e como temática o imaginário e a sociedade contemporânea. A prática pedagógica está permeada por processos inconscientes, que não conseguimos racionalizar, de que fazem parte o imaginário.

O desenho toma forma como possibilidade de interpretação da realidade, a criança tem a oportunidade de interpretar a sociedade da sua forma, num palco de representações peculiar que é o desenho. Um dos aspectos que me encanta é o aspecto democrático do desenho.

A escola onde são realizados os desenhos e outras atividades direcionadas, é localizada na cidade de Taguatinga, na Avenida “L Norte”, próxima a Feira Permanente. Um bairro de classe média baixa, com apartamentos já meio antigos nas proximidades da escola e casas melhor estruturadas por serem grandes e com maior possibilidade de construção, reforma e manutenção. Segundo a coordenadora pedagógica da escola os pais não participam muito da vida escolar dos filhos, muitos não comparecem nem às reuniões de pais, e aqueles mais abandonados pelos pais são os que tem o rendimento pior na escola.

INTRODUÇÃO

A emergência do tema surgiu por experimentação e oportunidade de ver algumas apresentações sobre desenhos de crianças durante o curso, veiculados ora por alguns professores ora por uma ou outra orientanda em algum momento de apresentação de monografia. Uma dessas oportunidades, foi a exposição de alguns trabalhos e desenhos das crianças do programa Filosofia na Escola – projeto instituído em Planaltina, pela Faculdade de Educação da UNB, cujo cunho reflexivo e uso de desenhos sobre temas, como a cidadania e preconceito me chamaram a atenção.

A aproximação com o tema foi sendo revelada num processo experimental desenvolvido no estágio, na tentativa de propor atividades que levassem inicialmente a uma reflexão sobre o tema: Educação e Trabalho, preconceito a algumas profissões em detrimento de outras atividades de trabalho e vivências demonstradas pelas crianças em conversas, oficinas e nas experiências desenvolvidas no meu estágio em uma escola pública de Taguatinga.

A minha curiosidade em relação ao universo infantil se deu pelo convívio e observação de características peculiares à criança, como espontaneidade, novidade diante do mundo, diferenciação que existe na percepção e influência do meio, nas trocas e interação entre os alunos, família, sociedade. É surpreendente o encanto e o mistério da psique das crianças, suas construções e disposição frente ao mundo. Esse momento não é totalmente natural. Aprendemos que a educação tem o papel também de repassar os conhecimentos desenvolvidos na sociedade.

A turma envolvida/escolhida consiste em uma parcela do público da 3ª série. As crianças estão em um período onde já se encontram bastante expostas aos apelos da mídia para o consumo e maniqueísmo diversos, pois já tem um grande poder de influência sobre os gastos da família. Podemos observar também que estão numa fase um pouco mais evoluída em relação a sua capacidade de percepção da sociedade e capacidade de representação da mesma por meio do desenho. Percebe-se que eles(as) desenvolveram uma percepção mais apurada das formas, longe do que se via quando estavam naquela fase inicial de rabiscos e garatujas.

A atividade metodológica escolhida para trabalhar o tema, foi o desenho, umas das atividades aplicadas no estágio que mais me chamou atenção, pelo resultado e participação geral

da turma, aplicado após uma conversa inicial com a turma. Dessa atividade surgiram espontaneamente representações dos signos e imagens formuladas pelas crianças e a possibilidade de entender melhor o universo e imaginário infantil em confronto com os aspectos sociais a que estão submetidos a psique dos alunos.

Depois de algumas pesquisas descobri que existem muitas possibilidades de elaboração de atividades tematizando a questão do trabalho, cidadania, consumo, conciliando atividades como matemática, filmes, discussões, teatrinho, textos, livrinhos. Descobri a existência dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, voltados para o trabalho com as questões do consumo. As atividades escolhidas foram elaboradas, baseadas no norteamento dado pela disciplina Educação e Trabalho, na tentativa de estabelecer a cidadania, respeito às profissões, conhecimento da sociedade, crítica.

Após algumas pesquisas e tentativas, mudei um pouco o rumo da pesquisa desprendendo um pouco da temática das profissões/trabalho e procurando conhecer mais a criança e o seu imaginário/universo e as implicações da influência do imaginário instituído/previsto/pré-determinado pela sociedade.

Não deixando de lado o embasamento teórico com relação ao trabalho, orientação vocacional e sociedade contemporânea, que permeia a maioria das atividades aplicadas e clareia o entendimento de várias contradições dessa sociedade, como a origem da exploração da força de trabalho, procurei desenvolver um capítulo sobre as questões referidas anteriormente e a fixação de um marco na linha do tempo, onde as profissões vão se diversificando e complexificando até chegar num período conhecido como pós-modernidade, que reúne um sem número de profissões que coexistem com uma sociedade multifacetada e bombardeada por inúmeras variáveis e mudança de comportamento e valores.

Optei pelo aprofundamento teórico do imaginário infantil, tendo em vista a escolha da imagem, do desenho que remete a psique infantil. E desse modo foi uma ponte para se chegar a um terreno vasto e rico, misterioso e instigante que é a pesquisa sobre o entendimento do universo infantil, buscando conhecer mais esse sujeito que é a criança do mundo atual. Começando desse ponto, é fundamental esmiuçar as teorias elaboradas por diversos estudiosos do comportamento infantil, como Vigotski, Castoriadis, Edgar Morin, Queiroz, Bock e outros, procurando desvendar esse terreno de vital importância para o pedagogo.

Tema da Pesquisa: Representação da profissões no Imaginário Infantil

Problema de pesquisa: O desenho é um processo instigante e muito presente no desenvolvimento da criança na escola e por vezes até em casa quando é estimulada pelos pais. Muitas vezes esse momento de desenho não é trabalhado da forma ideal, e sim elaborado de forma padronizada, dificultando o desenvolvimento da criatividade e espontaneidade da criança. Dessa forma, o desenho seria um bom indicativo das representações da sociedade, no caso das profissões? Até onde poderíamos inquirir algo que de fato ajudasse a entender os processos de apropriação no imaginário infantil?

Hipótese:

A mídia e a influência dos adultos recriam na criança um mundo já dividido, principalmente em relação ao trabalho, as profissões, ao gênero e a classes sociais diferenciadas. O desenho da criança já na terceira série mostra muitos detalhes significativos. Esse é o público escolhido para se analisar melhor esse processo de representação das profissões e vários sentidos já incorporados no desenho. Pude observar em algumas experiências com desenhos, que o professor ao falar de um tema específico e em seguida propor uma atividade de desenho, normalmente toda a turma participa de uma forma concentrada, colocando no papel muitos detalhes em forma de desenho: elementos característicos, componentes, traços, que revelam ser um desenho muito mais detalhado do que normalmente o de um adulto sobre o mesmo tema. Algumas crianças não expõem no desenho suas questões e problemas, mas isso não significa que não estão recriando uma significação da sociedade no seu imaginário. Sendo assim a influência da mídia e da sociedade inibe a espontaneidade da criança, dificultando uma apreensão verdadeira do imaginário infantil em sua essência e naturalidade, dessa forma impossibilitando estudos claros sobre o imaginário infantil e suas representações.

Objetivo Geral:

- Entender como se introjeta no imaginário infantil as representações da sociedade em relação as profissões.

A representação escolhida para ser melhor analisada a luz das teorias que oferecem um estudo sistematizado sobre essas questões é o desenho, podendo recorrer a outras representações que falam do imaginário da criança, como o teatro. Como a criança demonstra essa sociedade em forma de desenho e em que medida a criança sofre a influência da cultura do consumo na perspectiva de se apreender o mundo dos adultos. O desenho é uma forma típica de representação do desenvolvimento global da criança e também conforme a idade costuma retratar o pensamento da criança, o seu imaginário, portanto foi a representação escolhida como principal nesse trabalho, por ser instigante e reveladora do imaginário infantil.

Objetivos Específicos:

- Investigar as significações imaginárias das crianças em relação ao trabalho e profissões. Usar o desenho e a redação como formas de expressão desse olhar, proporcionando um clima de liberdade, criatividade e que busque principalmente a expressão do pensamento e das idéias do aluno e a expressão artística;

- Conhecer melhor o universo da criança pelo estudo do imaginário infantil, bem como discutir as dificuldades e possibilidades de se trabalhar com o desenho, redação, teatro e intervenção - compreender que existem diversos tipos de ocupações e trabalho e que todas merecem o respeito de todos, pois todas tem a sua importância;

- Entender como funciona esse processo de aprendizado da criança do mundo adulto. Como se criam essas representações do imaginário. Entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

1. IMAGINÁRIO

1.1 O IMAGINÁRIO E SEU CAMPO DE PESQUISA

Uma análise pormenorizada em torno das teorias sociais dotadas de certa complexidade, nos leva a constatação feita por alguns estudiosos, que elas só conseguem se manter no patamar onde estão, por meio de uma permanente revitalização intelectual. Essa revitalização é fundamental e perfaz um ciclo vital na própria condição e exigência da teoria.

Essa exigência da teoria garante a atualização e recriação da mesma, por meio de uma dinâmica essencial ao campo das teorias sociais, citando como exemplo as do Imaginário e da Pós-modernidade. Esse processo permite o uso da teoria como uma ferramenta que permite o conhecimento e construção, e não apenas o relato, puro e simples de evidências. Nessa proposta a teoria não é considerada como ponto de chegada, e sim como base inicial, ponto de partida para nos dar a possibilidade de nos acercarmos de um problema de pesquisa ou de estudo, não propondo a solução, e sim o caminho do conhecimento, discussão e reflexão. Dessa forma destaco a contribuição de Morin (1982) que fala da relação em que a teoria só poderá realizar seu papel cognitivo e ganhar vida com a participação criativa e analítica daqueles que a utilizam.

O foco neste repensar da ciência é imprescindível e essencial nestes tempos de transição paradigmática em que vivemos. A ciência influi e emana consequências sociais, políticas, econômicas e ecológicas, bem como tem influência sobre a instituição de novos imaginários e representações sociais. Os conceitos relativos ao imaginário possuem uma relação com a época em que são observados na sociedade. Alguns autores como Jameson(1984), sugerem o estudo do período atual, como pós-modernidade, que caracteriza a época que vivemos, como uma época de incertezas, da queda de verdades definitivas e bipolaridades existentes até então, ocasionando entre outras coisas, uma nova realidade, caracterizada como um conjunto de rupturas e segregações, tais como a separação entre indivíduo e coletivo, cultura e natureza, sujeito e objeto do conhecimento, espírito e matéria, emoção e razão. Colocando novas perspectivas e desafios quanto ao estudo do imaginário.

Uma relevante contribuição dos estudos e pesquisas sobre o imaginário e representações sociais decorre, justamente, da capacidade de mobilidade no campo da pesquisa, por meio da aceitação de que aquilo que é pesquisado é histórico, possui data definida, mas ao mesmo tempo é móvel, ou seja, é rígido mas não escapa da flexibilidade e fluidez dos sentidos,

dialoga com a memória mas não abre mão de pensar projeções futuras. Enfim, se constrói no diálogo entre razão e emoção, acrescenta ARRUDA (2002).

Os estudos e pesquisas que utilizam as teorias do campo do imaginário e das representações sociais nos apresentam uma rica e motivadora diversidade de interação entre conhecimentos, saberes e disciplinas – Sociologia, Antropologia, História, Filosofia, Psicologia. Tal fato decorre, do contato com uma teoria dotada de grande complexidade.

A busca de uma conceituação para as teorias do campo do imaginário social e da representação social não é recente. Foi tema de reflexão e pesquisa de muitos estudiosos em campos como a Filosofia, Antropologia e Sociologia. Contudo, pode-se afirmar também nesse caso que os conceitos de representação e imaginário trazem consigo uma potência relativa ao seu devir passado e outra voltada para os momentos futuros. Trata-se do que Alevato (1999) denomina de capacidades retrospectivas e prospectivas de um conceito e/ou teoria.

A segunda contribuição desses estudos diz respeito ao movimento produzido nos sujeitos que se colocam sob essa perspectiva teórica. Os estudos do imaginário acionam no pesquisador necessidades de novas aprendizagens oriundas de outros campos do conhecimento que não somente o da educação. A configuração interdisciplinar (e por que não transdisciplinar), na perspectiva de Morin(1991), postula o trânsito por campos até então desconhecidos não somente como um desejo, e sim como uma necessidade.

A pesquisa no campo do imaginário social, na perspectiva de Castoriadis (1987), aponta no sentido da percepção do movimento de criação incessante que faz parte do cotidiano no qual estamos imersos. São significações instituídas e instituintes que dão sentido ao nosso ser e ao nosso fazer.

1.2 - O IMAGINÁRIO NA REPRESENTAÇÃO POR DESENHOS

O imaginário constitui-se em um apanhado de idéias formadas pelo contato com o social (que o influencia). Há que se entender que o imaginário não se constitui apenas daquilo que é materializado, mas configura todo um conjunto de imagens elaboradas mentalmente.

Podemos tentar interpretar o desenho da criança e buscar um significado lógico, baseado em alguns indícios que decorrem do convívio com a mesma, seja em sala de aula ou em família. No entanto, o significado subjetivo da figuração só é possível ser revelado pela própria palavra daquele que a imagina. Subjetivamente, cada um de nós, ao interpelar o desenho como um todo, atribui um significado que pode ou não ser coincidente entre si e com a intenção do autor (FERREIRA, 1996, p.26).

A criança escolhe um símbolo, reelabora uma imagem, interfere, agrega um pouco de seu mundo e fase, com suas mais diversas informações. A análise das combinações dos símbolos, das representações, da imaginação ou da fantasia, não esgota a compreensão do imaginário infantil, mas pode ser uma porta que abre a possibilidade de começar a desvendar e encontrar novos significados nesse terreno vasto e abrangente que é o imaginário infantil.

Na concepção de Castoriadis (1982, p.38-39) a escolha de um símbolo não é nunca nem absolutamente inevitável, nem puramente aleatória. O desenho, como figuração gráfica e expressão simbólica, é produto de um intento de se representar algo; portanto, é carregado de sentidos e significados que fornecem indícios do modo como a pessoa e o grupo social se relacionam com o ambiente natural e sociocultural.

Na tentativa de análise, compreensão e interpretação de uma produção é importante levar-se em conta com bastante apuro, às condições históricas, sociais e institucionais em que esta foi produzida. Queiroz (1992, p. 12-13) aponta esse cuidado, faz-se necessário conhecer o autor (indivíduo ou grupo social), em suas particularidades individuais e sociais. É importante conhecer o nível social, a hierarquia sócio-econômica, o gênero, a idade, enfim, a contextualização é de vital importância e validade.

O desenho não é apenas um esquema que representa como também significa. Ele não constitui o campo da exatidão, mas das possibilidades e, para tanto, oferece condições para os que desejam se aventurar no estudo do imaginário e na mentalidade da pessoa que o produziu

e do grupo social a qual a criança pertença, procurando extrair indícios que possibilitem a compreensão dos sentidos dados àquilo que se representou.

Os estudos que têm como referência as contribuições do imaginário trazem para a análise a dimensão simbólica das relações, das instituições, do cotidiano, das criações sociais, enfim, da realidade. Este é, sem dúvida, um campo fértil para as investigações do imaginário infantil. Tal enfoque nos permite uma aproximação dos sentidos e dos significados construídos pelas pessoas e pela sociedade acerca das suas criações sociais (instituições, normas, comportamentos, valores, crenças, entre outras).

Na dimensão de Castoriadis (1982, p. 57), ao revestir o mundo de sentido, atribuindo significado a ele, o homem produz o social-histórico. “O conhecer e o agir humano são, portanto indissociavelmente psíquicos e social-históricos. Esses dois pólos, a psiquê e a sociedade, não podem existir um sem o outro, e não são redutíveis um ao outro”. Dar significado é uma característica que particulariza e identifica o ser humano por este ser, fundamentalmente, um ser histórico, social e cultural.

Segundo Castoriadis (1982, p. 142), “As profundas e obscuras relações entre o simbólico e o imaginário devem utilizar o símbolo, não somente para exprimir-se, o que é óbvio, mas para existir, para passar do virtual a qualquer coisa a mais”. As percepções do mundo real ou do contexto social são registradas e conservadas na memória como imagens que são formadas a partir das experiências mantidas com o meio social e natural. Esse repertório de imagens vem a constituir o campo do imaginário individual e social.

A afirmação acima reforça a constatação de que, para Castoriadis (1982, p.13-14), os atos individuais e coletivos, bem como as instituições sociais, não se esgotam no componente simbólico, mas são impossíveis de existir fora da rede simbólica. A dimensão funcional refere-se à satisfação das necessidades vitais que são importantes para sobrevivência da coletividade, enquanto que a dimensão simbólica da instituição diz respeito a toda uma gama de sentidos que povoa e envolve as práticas sociais, os mitos, os ritos, os sonhos, os desejos e as expectativas que constituem as relações intersubjetivas.

A imaginação ou a fantasia formam-se dessas experiências com a realidade, porém não se prendem à ela, mas através da combinação de elementos retirados destas experiências compõem ou produzem novas realidades e significados que passam a interferir naquela

realidade. É um processo de interinfluências que se dá no campo da cultura. Logo, quando se fala em imaginário está se falando também em simbólico, memória, imaginação ou fantasia e representação, todos os elos da mesma cadeia, que não podem desvincilhar e que fazem parte da cultura, mas que não são sinônimos.

Vigotski (1991, p. 17), compartilha de uma contribuição semelhante no campo da imaginação. Em suas palavras “A imaginação está vinculada à realidade significativa e tal vinculação se dá por quatro formas básicas:

(1) toda elocubração se compõe de elementos extraídos da realidade, da experiência anterior do homem;

(2) a vinculação está entre produtos preparados da fantasia e determinados fenômenos complexos da realidade. Assim, a imaginação não se limita à reprodução de imagens historicamente constituídas, mas a partir delas cria novas combinações. São as experiências dos outros, as experiências históricas ou sociais, influenciando na imaginação individual;

(3) o enlace emocional que determina a seleção de pensamentos, imagens e expressões;

(4) o edifício construído pela fantasia representa algo novo, não existente na experiência do homem, nem semelhante a algum objeto real”.

Ao imaginário individual associa-se também o imaginário social que consubstancia as dimensões simbólicas da sociedade ou grupo social no qual a pessoa está inserida. É nessa intersecção de caminhos – da coletividade e do individual – que se encontram e se fundem essas duas faces do imaginário, o que não impede de estarem sujeitos a embates e conflitos entre si.

A moderna sociedade capitalista encontra-se permeada por mensagens e imagens, reveladas pelas técnicas de produção e difusão dos veículos de comunicação de massa. O simbólico domina esse mundo, transformando até as ações voltadas ao consumo, cuja compreensão é inseparável do tratamento dos apelos colados aos objetos e cuja lógica reside na sedução e no enredamento subjetivo dos agentes (ARRUDA, 1993, p.46).

Esse imaginário social é composto de imagens propagadas pela mídia em geral: cinema, revistas, televisão, rádio, discos, jornais, internet e outros meios institucionalizados como material religioso (dogmas, rituais), histórias (reais e inventadas), regulamento de espaços públicos e privados, conteúdos místicos e mágicos (superstições, lendas, mitos), repertórios tradicionais e convencionais de jogos e brincadeira, agregados às imagens individuais.

Queiroz (1992) e Vigotski (1991) corroboram com a idéia de que as criações humanas são imbuídas da reprogramação de todo um contexto social, no qual o ser humano é envolvido, desenvolve-se nesse meio e agrega inúmeras marcas e tessituras dessa condição.

Queiroz (1992, p. 43)) vem confirmar isso ao dizer que todas as produções humanas, todos os comportamentos e opiniões estão marcados pelo meio social do qual cada pessoa se origina, respeitando-se as diferenças e variedades dos grupos e contextos sócio-culturais. Vigotski(1991 ,p. 38) também fala que, por mais individual que possa parecer, toda criação carrega sempre em si um componente social. “Neste sentido, não há inventos individuais no estrito sentido da palavra, em todos eles fica sempre uma colaboração anônima.”

O processo de percepção, de registro na memória, imaginação ou fantasia pode ser materializado ou expresso por representações de vários tipos que são recortes extraídos do cotidiano e que possuem funções simbólicas possíveis de serem interpretadas por indicarem significações dos modos de pensar e de se relacionar com esse cotidiano.

Para Castoriadis (1986. p. 142), o ofício da memória não é lembrar, recompor o que houve e sim, reconstruir, relembrar através de uma recriação que, na arte ou fora dela, representa, isto é, traz como ficção o que em um tempo antes havia existido como um fato, um feixe real de acontecimentos, nunca pode reexistir como tal. E se assim: a lembrança é o caminho pelo qual a existência retorna como representação, a memória é apenas a matéria-prima de uma processo de mimese (idem, ibidem, p.7)

Para Leite (1997, p. 220), mais que matéria-prima, o conhecimento prévio das questões representadas nas imagens cria uma rede de expectativa (que fundamentam hipóteses a serem verificadas ou anuladas). Essas expectativas influem na própria apreensão das imagens; por isso,é possível considerar que ver é comparar o que esperamos da mensagem com aquela que nosso aparelho visual recebe. Como a imagem nunca pode representar tudo, o espectador a utiliza como um quadro em que projeta seu sistema visual, sua imaginação e sua capacidade de organizar mensagens, para confrontá-las com as armazenadas na memória, sob formas esquemáticas que combinam, em diferentes doses, o reconhecimento e a rememoração.

Toda representação é subjetiva e particular, mesmo ancorada no social, pois se forma pela experiência, pelo contato, pelos sentimentos e afetividade que cada pessoa estabelece com os objetos, demais pessoas, eventos e situações do meio social, porém como sujeito pertencente

de um determinado grupo social (por raça, etnia, classe social, idade, gênero, etc) é representante da mentalidade deste (quando a afirma ou a nega).

ATIVIDADES

METODOLOGIA

A idéia é tentar começar a inseri-los no tema “Trabalho”, por meio de uma conversa buscando o olhar deles para o trabalho na sociedade, por meio de situações vivenciadas no dia a dia, na escola, nas compras de supermercado, na padaria, o trabalho dos pais.

Usar o desenho e a redação como formas de expressão desse olhar; proporcionando um clima de liberdade, criatividade e que busque principalmente a expressão do pensamento e das idéias do aluno e a expressão artística;

Compreender que existem diversos tipos de ocupações e trabalho e que todas merecem o respeito de todos, pois todas tem a sua importância. Foram utilizadas outras atividades para sensibilizar as crianças sobre a questão das profissões. Atividades como jogo da memória, jogo da mímica, audiência de música, realização de teatrinho e projeção de filme, contribuíram para a apreensão do imaginário sobre as profissões.

1ª - ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA – DESENHO


1 – Conversa com a turma procurando enfatizar os temas: a necessidade do trabalho e suas implicações em todos os aspectos de nossa vida. Buscando extrair os sentidos do trabalho na realidade deles.

2 – **Atividade de Desenho** – Entrega de uma folha de papel A4 a cada aluno, e pedi que eles dividissem a folha ao meio e fizessem um desenho de um lado esquerdo e uma pequena **redação** do lado direito, com o seguinte tema: **“O que eu vou ser quando crescer”**. Por que vocês escolheram essa profissão? De onde partiu a idéia, se foi algo visto na TV ou alguém serviu de exemplo? Por que gostam, admiram determinada profissão.

3 - Percepção da importância do trabalho, dos diversos tipos de ocupação e a importância de estudar e ter bons conhecimentos para conseguir chegar a profissão desejada.

Metodologia de Pesquisa - Operacionalização

Análise de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Classe 27 de Taguatinga, da Diretoria Regional de Ensino, da Secretaria de Educação do DF por meio de uma conversa inicial sobre o tema profissões, com o objetivo inicial de apenas apresentar o tema e fazer com que elas representem em forma de desenho, o seguinte tema: “O que você vai ser quando crescer” e começar a apreender o que elas pensam sobre esse tema.

<p>Desenho</p> 	<p>Redação : O que eu vou ser quando crescer...</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
---	--

Observação: Além do desenho e da redação foram aplicadas algumas outras atividades com a temática das profissões: expressão escrita, cartazes, teatrinho, música e uma pecinha de teatro.

RESULTADOS:

O trabalho desenvolvido pelas crianças ficou muito bom, particularmente adoro trabalhar com desenhos infantis, principalmente os da 3ª série, quando os desenhos deles são bem ricos em detalhes. As crianças puderam expressar livremente suas idéias e percepções sobre seu futuro profissional.

O mais curioso é que a profissão escolhida representada no desenho, na maioria das vezes reunia características apresentadas pelos alunos que são essenciais a profissão em questão. Como foi o caso do “Pedro” – ele desenhou uma tela com uma projeção de uma sala e colocou-se como um arquiteto desenhando projetos. O seu desenho possuía retas, perspectivas, numa casa de estruturas equilibradas, centralizadas, pintadas, com uma reta contínua circunscrevendo todo o desenho.

Conversei com ele um pouco sobre o desenho e ele me revelou que tem um irmão que é desenhista. Percebi que ele é travado para escrever, então o incentivei a escrever pelo menos um pouquinho, dizendo que o importante era escrever algo, mesmo que fosse simples mas que remetesse as idéias que eu havia proposto. Ele também não pintou a princípio, acabei incentivando-o a pintar o desenho e ele acabou fazendo uma boa pintura. Essa também foi a atividade que ele mais rendeu, nas demais atividades ele fica sempre parado, sem participar muito dos trabalhos em grupo ou das aulas, o que foi relatado pelos seus próprios colegas de sala e a professora.

Com alguns alunos eu tive que incentivar mais a fazer o desenho ou escrever a redação. Alguns alunos são mais lentos ou dispersos e você tem que incentivar mais, outros são mais rápidos e espertos. A turma tem um ritmo desigual. De modo geral a turma é bem ativa, cheia de energia, e fez bastante uso das cores nos desenhos, resultando em trabalhos com boa estética. Um aluno apenas desenhou e escreveu tudo usando a caneta e foi o único também que optou por três profissões diferentes e três pequenos textos sobre cada uma. Uma dessas profissões foi influenciada pelo pai, e as outras duas são opções dele.

* nome fictício.

DIFICULDADES:

As crianças parecem muito agitadas e dispersas no segundo horário, depois do recreio e lanche. A algazarra é muito grande, continuam conversando mesmo quando a professora chega. A conversa paralela entre os meninos e as meninas é contínua. E foi nesse momento que eu apliquei a atividade. Algumas vezes eles se levantam dos seus lugares e vão a mesa dos coleguinhas para conversar, brincar com uns joguinhos que eles levam. Tudo de maneira bem rápida.

AValiação Informal

A observação dos desenhos é um dos meios que o educador poderá utilizar na construção desse aprendizado para fazer desabrochar na criança um olhar sensível e pensante. Para isso, ele não poderá agir apenas como facilitador desse processo. Permeando informações de natureza mais teórica, o educador poderá estar desafiando e incentivando, ampliando as experiências, o conhecimento e aprimorando a capacidade de criação e de expressão artística da criança.

DESENHO INFANTIL

O que faz com que a criança se expresse criativamente é a liberdade física e mental. Por esse motivo, é muito importante que o conteúdo seja acessível e significativo, que seja proposto de forma que a criança expresse seus pensamentos livremente, tendo a autonomia necessária para criar. Segundo Pillar (1996), ao observar o desenho de uma criança, podemos aprender muito sobre o seu modo de pensar e sobre as habilidades que possui. Quando, em um desenho, os braços de uma figura humana saem da cabeça e não do tronco, por exemplo, significa que a criança ainda não tem construído interiormente, em seu pensamento, o esquema corporal de uma figura humana. Isso nada tem a ver com o fato de ela não estar enxergando direito, de estar com problemas de motricidade fina, ou ainda, de não estar apta a desenhar com destreza. Desenhar figuras humanas possibilita à criança estruturar suas idéias sobre a figura humana.

DO JOGO DA MEMÓRIA AO JOGO DA MÍMICA

EXPOSIÇÃO - Sugerir a turma que fizéssemos o Jogo da Memória das Profissões e a resposta não foi muito positiva. A turma não ficou muito animada com essa proposta, primeiro porque a outra professora já havia feito essa atividade duas vezes, uma trabalhando as capitais e outra com os **números**. A segunda negativa foi apresentada por alunas gêmeas que são uma das mais inteligentes alunas da turma, ela alegou que ficaria muito difícil encontrar figuras de trabalhadores tão pequenas que coubessem nas fichas do jogo da memória. O curioso é que eu já havia pensado exatamente sobre isso, já que o tamanho das fichas não pode ser muito grande para caber várias figuras numa mesa, e tem que ser padronizadas. E olhando em algumas revistas e livros vi que a maioria das figuras das profissões, o profissional que estava ali já portava o seu equipamento de trabalho ou tinha algo que servia como uma forte referência, que nem precisaria de ferramentas para identificá-lo. A aluna também falou que se fosse para desenhar no tamanho das fichas também seria complicado. Depois dessa colocação conversei com a professora sobre essa dificuldade, e ela me sugeriu que eu trabalhasse esse tema por meio de Mímica. Aí o que seria o jogo da Memória, se tornou o Jogo da Mímica. Então com algumas adaptação fizemos o Jogo da Mímica, aproveitando o objetivo principal do jogo.



TÍTULO - JOGO DA MEMÓRIA DAS PROFISSÕES

I – DADOS DO JOGO

Profissões sugeridas: carpinteiro, mecânico, eletricista, doméstica, gari, médico, executivo, cabeleireiro, professor, jardineiro, taxista, caminhoneiro, costureira, agricultor, telefonista, ator entre outras. Neste jogo deve ter a profissão e a ferramenta de trabalho de cada uma, para que a criança possa relacioná-la com a profissão, por exemplo, professor e o quadro, ou os livros, ou seja, o material de seu trabalho. É importante colocar a profissão ou trabalho dos pais das crianças neste jogo para discutir com eles sobre os mesmos

II – OBJETIVOS

- Compreender a importância das profissões/trabalhos para o bem e o progresso da sociedade, respeitando-os igualmente;
- Desenvolver a atenção e percepção por meio do jogo;

III – CONTEÚDOS

- Coordenação motora;
- Recorte e colagem;
- Noções de formas geométricas;

IV – COMO TRABALHAR ESTE JOGO

Este jogo tem como objetivo trabalhar a questão das profissões ou trabalhos das pessoas, se estes são por escolhas, necessidades ou por falta de oportunidade; como são reconhecidos os trabalhos/profissões, a jornada de trabalho; quem tem maior salário (procurar trabalhar a diferença do trabalho braçal e do intelectual o porque destas diferenças); os perigos de acidentes em cada profissão/trabalho; se há profissão/trabalho mais importante (e porque consideram assim), e entre outras questões que apareceram no momento das atividades. Antes de

construírem o jogo conversar com as crianças para saber a profissão/trabalho dos pais ou responsáveis por elas para que possa ser colocadas no jogo e para mostrar-lhes o valor destas que às vezes não é do conhecimento delas.

V – ATIVIDADES

1. Pedir aos alunos que desenhem no caderno uma ação do trabalho de seus pais ou responsáveis, e que apresentem aos colegas explicando o trabalho destes. (Nesta atividade pode-se pedir ao aluno que escreva a letra inicial do trabalho que desenhou, ou ainda escrever o nome, isto dependerá do nível de ensino de cada turma).
3. Entregar às crianças uma folha na qual terá a profissão e sua ferramenta de trabalho, para ligarem às correspondentes, e pintarem os desenhos.
4. E para finalizar o trabalho, em grupo construir o jogo da memória. Pedir às crianças que procurem e recortem as profissões e suas ferramentas de trabalho, das quais foram selecionadas em sala de aula, e separem para que possam colar em cartões feitos pela professora. Este jogo segue da seguinte maneira: o aluno deve achar a profissão e a ferramenta de trabalho, achando o par. Tem direito a mais uma tentativa de encontrar outro par, e caso não acerte passar a vez ao próximo.

O Jogo da Mímica

I – Dados do Jogo:

Confeccionei várias fichas com as mais variadas profissões:

Carpinteiro, mecânico, eletricista, doméstica, gari, médico, advogado, executivo, cabeleireiro, professor, jardineiro, taxista, caminhoneiro, juiz, estilista, costureira, agricultor, telefonista, ator entre outras.

Em seguida a turma se subdividiu em dois grupos, ficou o grupo das meninas contra o grupo dos meninos. Dividi o quadro com uma reta no meio, e pedi que eles dessem nome as equipes. As fichas seriam mostradas a um componente da equipe e a equipe adversária teria que adivinhar que profissão era aquela. O aluno vinha a frente da turma e a professora então mostra a ficha com a respectiva profissão e a equipe adversária tenta adivinhar qual seria a profissão correspondente àquela mímica. A primeira equipe ficou com as profissões menos valorizadas pela sociedade e a segunda equipe ficou com as profissões mais valorizadas e de maior status.

Ao final do jogo formou-se duas colunas, uma com as profissões mais elegantes e valorizadas e outra com as mais desprezadas pela sociedade.

EQUIPE 1: As Superpoderosas	EQUIPE 2: Os gênios
Costureira Agricultor Eletricista Doméstica Mecânico Policia Gari Cabeleireiro Taxista Vaqueiro Diarista Motoqueiro	Médico Advogado Empresário Executivo Juiz Estilista Modelo Engenheiro Gerente Corretor Transportador Fazendeiro

Resultados do jogo da Mímica: A atividade agradou bastante aos alunos. Mas o que mais evidenciou-se em relação ao jogo é que é muito difícil controlar quem acertou a mímica, eles falam todos ao mesmo tempo, a algazarra é insuportável, os alunos ficaram excitadíssimos com esse tipo de brincadeira, e os gritos são ouvidos pelos corredores. Para aplicar essa atividade tem que ter pelos menos duas pessoas, no início eu fiquei mostrando as fichas e a professora ajudava a acompanhar quem ganhou a rodada, mas como ela saiu um pouco, virou uma confusão, quando eu me virava para escrever o nome da profissão acertada no quadro, eles saiam dos lugares e vinham todos para frente para tentar adivinhar a próxima profissão. Tive que gritar muito para pedir silêncio. Acabou que o grupo das meninas ganhou por causa do comportamento que foi um pouco melhor. E assim descobri que essa atividade parece fácil de aplicar, mas é extremamente difícil para uma só pessoa mostrar a ficha e controlar e acompanhar quem acertou. É importante colocar a profissão ou trabalho dos pais das crianças neste jogo para discutir com eles sobre o valor de cada profissão, as desigualdades vistas.

A escolha do nome das equipes: As meninas escolheram: As **Superpoderosas** e os meninos: **Os gênios**. Os garotos demoraram mais a escolher o nome da equipe, primeiro eles ficaram com graça, elegendo nomes esdrúxulos como a equipe do Créu, os Nerds e outros nomes semelhantes, mesmo explicando que Nerds são garotos inteligentes mas com uma aparência e comportamento um tanto fora dos padrões eles preferiram mudar para: os gênios. É também importante colocar a profissão ou trabalho dos pais das crianças neste jogo para discutir com eles sobre.

Questões trabalhadas - Depois que se formou o quadro acima com as profissões mais valorizadas e as menos valorizadas, foi o ponto de partida para iniciarmos uma discussão sobre

as características daquelas profissões que levam a desigualdade, a disputa, a história da sociedade privilegia e discrimina algumas profissões ao longo de séculos e os valores mesquinhos da sociedade dominada pelo capitalismo perpetuam essa realidade e competição da sociedade levando a existir não só diferenças de salários, mas de status, reconhecimento, nobreza nas profissões. Comecei perguntando a eles se eles poderiam diferenciar as profissões da direita e da esquerda. Pedi que eles notassem que as profissões do lado esquerdo foram as menos sonhadas por eles, percebido em nossa primeira atividade e se eles sabiam o porque disso. Podemos ver claramente na História do Brasil como se deu a realidade que vemos hoje, que é de exploração de mão-de-obra do trabalhador. A escravidão dos negros e dos índios pelos portugueses, por sentirem uma raça superior e dominadora, que deveria guiar as outras rumo aos seus ideais.

Resultados: Ao começar a expor o assunto “trabalho” para a turma primeiramente utilizando os desenhos e a redação, como forma de expressão foi sendo elaborada a percepção deles sobre o assunto, tentei fazer cartazes que ficaram como verdadeiros painéis sobre trabalho e a diferenciação das profissões, entre as mais valorizadas e as menos valorizadas. As atividades foram interessantes mas eu senti falta de um embasamento teórico, pois no que eu entrava em sala de aula, já colocava atividade no quadro e pedia que eles executassem e a partir daí, eles se ocuparam bastante das atividades, eram atividades simples, mas quer requerem muito trabalho e disposição, na maioria das vezes tive até que ajudar e incentivar. Então após essa fase preparei uma aula expositiva para explicar a eles a origem da realidade exploradora no Brasil, enfocando a realidade dos escravos vivida no tempo colonial. O bom dessa aula é que eles ficam mais quietos e participam um pouco, os alunos não tem muito papas na língua, são até meio abusados durante a exposição de qualquer assunto feita por mim ou pela professora, não existe mais aquele respeito. Eles chegam do recreio bisbilhotando a mesa da professora, que é muito perto da dos alunos, olhando demasiadamente para os objetos que vão ser utilizados em aula, e na maioria das vezes mexendo, folheando minha pasta catálogo com o cronograma das atividades, mexendo até mesmo no meu celular. É uma loucura.

Música: Cidadão (Zé Geraldo)

Resultados: Começamos lendo e depois tive que ensinar o ritmo da música para os alunos. Gostei muito dessa música mas não conseguir o CD para ficar mais interessante a aula. Mas fizemos uma leitura e interpretação da música , que é muito pertinente ao tema e objetivos do Projeto de Estágio. Então fizemos uma espécie de oficina colocando a turma em uma espécie de semi-círculo, no qual eu ia lançando algumas questões, como a substituição do homem pela máquina, o fato de que algumas profissões tem um ritmo muito mais pesado que outra e são menos valorizadas. Coloquei a questão do desemprego e para não esquecer dessas questões e dar uma gradação, anoto numa folha as questões e fui repassando para eles.

Na verdade percebi que eles não se interessam muito por esse assunto, eles se preocupam mais com a realidade da fase que eles estão passando, mas acredito que a forma mais sensata de passar valores como o respeito, solidariedade, cidadania é pelo modo como é encaminhada a aula, a maneira como é distribuída o material, dando liberdade a todos de se expressarem e evitar tratamento desigual.

Fiz os painéis e cartazes, colocando figuras de trabalhadores, o resultado foi bom , mas levou muito tempo, quase a manhã inteira, e isso porque eu já tinha separado algumas figuras, e algumas meninas também levaram algumas figuras já cortadas. O professor também trouxe uma caixa cheia de revistas. Mas os alunos levam muito tempo cortando figuras, escolhendo as figuras, foi bom para buscar o olhar para o tema. Mas eu gostei muito de ter essa experiência com painéis, gosto de ver até onde vai a criatividade deles. Teve um grupo que fez um cartaz em forma de livro, com capa e tudo, colocando as profissões dentro e outro colocou algumas colagens e desenhos no cartaz.

Resultado da Peça:

A peça foi uma das atividades que eu mais gostei de trabalhar com as crianças, pois elas ficam super envolvidas, toda a turma participou. No dia que eu comecei a passar a peça, a turma estava incompleta, alguns alunos tinham faltado.

Comecei distribuindo uma cópia do texto da peça a todos os alunos presentes, então lemos o texto uma vez, depois na segunda leitura perguntei quem queria ser o narrador, e então a Natália, uma das gêmeas se ofereceu para narrar. Distribuimos os outros papéis. E então começamos a ler já distribuindo os papéis.

Na outra aula cada qual já sabia a sua parte, e continuamos encenando, cada um com o caderno ou papel. Aos poucos a peça foi tomando forma, depois de algum tempo eu interrompia a encenação para explicar alguns detalhes a peça, como o momento da festa, da hora da greve, em que é necessário espalhar um pacote de lixo no cenário. E também explicar sobre a caracterização e a roupa dos personagens.

Resultado do filme:

Depois de garimpar em algumas locadoras, consegui achar o filme “formiguinhaZ”, marquei um dia com o professor, mas nesse dia a sala estava ocupada por outra professora. Então deixamos para outro dia. O professor disse que não gostava muito de passar filmes para os alunos porque já não agüentava mais aquela guerra entre os meninos e as meninas, eles querendo filmes de ação e elas de “menininhas”, e quanto a filmes educativos, disse que eles não se interessavam. Nesse dia eu conheci a brinquedoteca da escola, onde eles ficavam uma vez por semana, conforme estava na agenda. A brinquedoteca é bem organizada e tem vários brinquedos, mas conversando com uma professora, ela me disse que tudo é muito controlado e a pessoa que cuida do local não deixa as crianças terem liberdade para pegar os brinquedos, ela se preocupa mais em manter uma aparência impecável da sala, caprichando na decoração do lugar, que tem todas as janelas com cortinas de chita, o que deu um efeito alegre a sala.

No dia seguinte assisti ao filme o qual eu só conhecia o início e acabei chegando a conclusão que a melhor parte do filme é só o início mesmo. Tem um momento que o filme se

perde e vai mais para o lado de uma guerra. O filme é mais representativo. Com a figura das formigas que remetem ao estereótipo de trabalhadoras, mas ele não enfoca o tema de uma maneira muito apropriada. Discute talvez melhor a contestação de ordens impostas e a virada ou tomada de mudança de atitude.

3. A ESCOLHA PROFISSIONAL

3.1 - A ESCOLHA PROFISSIONAL E SUA IMPORTÂNCIA NO CURSO DA HISTÓRIA

A escolha profissional adquire importância de forma definitiva, justamente no período em que se instala o modo de produção capitalista, e por sua vez as teorias e práticas na área da orientação profissional, que mais tarde na chamada Revolução Industrial, introduzirá a divisão técnica do trabalho.

Segundo Bock a questão da escolha de uma profissão ou ocupação não se constitui como um problema universal da espécie humana. Isto é, só recentemente, levando-se em conta a história da humanidade, os homens se colocam a questão “do que fazer para alcançar sua sobrevivência”.

[...] Os ancestrais da humanidade viviam para sobreviver ou sobreviviam para viver, isto é, seu trabalho organizava-se como atividade de coleta e mais tarde de caça, e não havia muita diferenciação de funções, a não ser aquelas determinadas pelo sexo e, conseqüentemente, causadas pela especificidade orgânica na reprodução da espécie. (Bock, 2006)

Este trecho aborda as questões de gênero que permearam a vida tribal em comunidade e divisão do trabalho:

[...] A vida tribal, como pode ser verificada até hoje nos descendentes destes primeiros humanos que mantiveram e preservaram suas culturas, não prevê e nem pressupõe atividades e ocupações distintas entre seus membros, havendo apenas uma hierarquia no que se refere aos assuntos de guerra e aos cuidados com a saúde, funções que são exercidas por questão de bravura e/ou idade avançada e que alcançam grande respeitabilidade entre os indivíduos da comunidade. De fato, a caça é atribuição dos homens, pelo vigor físico e possibilidade de deslocamentos ágeis que possuem, uma vez que as mulheres estão encarregadas do cuidado dos filhos. Logicamente, deve existir entre eles os mais hábeis, mas que construíram a tal habilidade pelo exercício e pela prática e que acabam tendo a função de ensinar aos outros a melhor forma do desempenho daquele trabalho. Às mulheres, dependendo do estágio “civilizatório” de seu grupo, cabe a função de agricultura, atividade sedentária que permite a composição do trabalho para a sobrevivência com a necessidade de cuidar dos filhos. Depreende-se daí que, nesta situação, não há possibilidade e nem necessidade de grandes escolhas no que se refere ao desempenho de funções, tanto para a sobrevivência material ou não. (Bock, 2006)

Na Grécia Antiga, a atividade humana valorizada era o ócio, a contemplação, que era exercida pelos cidadãos livres; o trabalho era a atividade dos homens não-livres que tinham função de produzir a existência material.

“Para os grandes filósofos gregos, e especificamente para Platão e Aristóteles, o trabalho era uma atividade exclusivamente física, que se reduzia ao esforço que deviam fazer as pessoas para assegurar seu sustento, satisfazer suas necessidades vitais e reproduzir sua força de trabalho (circunscrita a sua dimensão meramente física). Era uma atividade considerada pelos demais não somente como penosa, senão também como degradante, que não era valorizada socialmente e que se justificava em última instância pela dependência que os seres humanos tinham com respeito às suas necessidade.”(Neffa,1999: 130 , tradução nossa, do espanhol)

Por consequência, ser cidadão, escravo, artesão, pequeno camponês ou trabalhador manual não dependia de qualquer tipo de escolha, mas da condição de classe da família do indivíduo, ou de acordo com as vitórias ou derrotas nas guerras.

Avançando na história, temos, na Idade Média, especificamente no feudalismo, a ocorrência do mesmo fenômeno. A sociedade estratifica-se em camadas sociais – nobres, clérigos, senhores e vassalos - e uns devem obrigações para os outros. Os primeiros têm o compromisso de proteção e segurança, além de arrendarem a terra; os outros, a provisão do sustento material (produção de alimentos, bens e utensílios). A condição de classe é dada pela circunstância do nascimento, caso a pessoa seja de uma família de nobres ou de plebeus. A posição na sociedade e mesmo a ocupação são transmitidas de pai para filho, como se fosse uma determinação divina. O trabalho, neste modo de produção, visa o sustento das pessoas, ou melhor, não tem em mira o mercado, que nesse tempo apenas começava a se desenvolver. A produção, tanto de alimentos como de outros bens, tem como objetivo manter a comunidade, e o aumento do poderio dos grupos se dá por meio de guerras de expansão, pois a medida de riqueza é a extensão da terra, e não o volume de mercadorias acumuladas ou a quantidade de dinheiro entesourado.

Com relação a este estágio de desenvolvimento da sociedade, também não se pode falar em escolha de profissão por parte dos sujeitos. A estrutura social está cristalizada e determina o que cada um vai fazer, seu prestígio social e poder. A força da Igreja, principalmente a católica, é enorme e dá respaldo, assim como legitima a ordem social, reafirmando que tudo acontece por vontade divina. Os laços de sangue, portanto, são explicações

que justificam a estrutura da sociedade; não há mobilidade social, e as ocupações e tarefas são transmitidas familiarmente.

3.2 - As influências da Pós-Modernidade

No intuito de entendermos melhor essa época atual, vivida pelas crianças desse período multifacetado em que vivemos, vamos nos reportar ao entendimento da pós-modernidade, época essa, onde há um predomínio do capitalismo, como forma de organização da sociedade, da produção, do consumo e do trabalho. Neste sistema a valorização do consumo é essencial, para impulsionar todos os outros componentes da máquina de produção, distribuição e consumo. É essencial fazer com que as pessoas se transformem em consumidoras contumazes.

Pode-se entender a Pós-modernidade, não somente como uma fase histórica que estamos vivendo, mas também como uma condição, que possui um contexto histórico, e como tal traz em si o conceito de sociedade cultura atual, com reflexos na economia, na política, ao atual estágio de desenvolvimento tecnológico. Desse modo, o entendimento e a influencia da pós-modernidade não se limita à esfera das artes e letras como classificam alguns.

O mundo em que vivemos se revela complexo e de difícil entendimento. Podemos tentar compreendê-lo, acompanhando a quantidade ilimitada de informações e notícias que recebemos todo dia, nos mais variados meios, rádio, televisão, revistas ou Internet. A violência não sai da pauta, são casos de corrupção, seqüestros, sobressaem-se os mais variados tipos de crimes. Os valores que eram passados pelos pais e pela escola, como a ética, moral, caráter, os princípios seculares da religião, e que se fortaleciam na durabilidade do casamento e da família, perdem espaço para novas formas de comportamento, imbuídas pelas leis do mercado, do consumo e do espetáculo.

Nesse sentido, é importante ressaltar o alerta feito pelo pensador grego naturalizado francês, Cornelius Castoriadis (1982), que chama a atenção para o fato de que os aspectos que freqüentemente naturalizamos em nosso cotidiano não são na verdade tão naturais. Para esse autor não existem conceitos, representações e/ou necessidades naturais. E que só poder ser materialmente vivida se essas necessidades forem satisfeitas de qualquer modo”.

Este é o território dos significados e sentidos construídos individual e socialmente. Conseqüentemente, estamos tratando de uma realidade que é multifacetada. Sua composição pressupõe aspectos referentes a condições objetivas e subjetivas. Uma vez que a realidade engloba múltiplos aspectos que vão da ordem do dizível a do indizível, obriga o pesquisador que se coloca na condição de ouvinte e de observador a dialogar com a complexidade existente.

Jameson(1984), considera a pós-modernidade, como a terceira grande etapa do capitalismo, fase essa denominada como capitalismo tardio, cuja origem está na era posterior à Segunda Guerra Mundial. Esse novo período cultural e político, foi sendo construído ao longo da história, sendo resultado de lutas, conquistas, envolvimento de interesses diversos, dominação de culturas e territórios, sobrevivência, corrida à industrialização e novas descobertas.

Essa classificação por vezes é alvo de discussões e controvérsias. Alguns teóricos consideram que em certo sentido, ainda estamos na modernidade. E não haveria razão para uma nova divisão de período na história. Mas não vamos nos ater a essas questões. E sim considerar o estudo da pós-modernidade, como primordial, para propiciar um melhor entendimento e visualização dos aspectos, fenômenos e contradições pertinentes ao mundo na atualidade. De início podemos considerá-la como uma concepção de valores capitalistas.

Muitos estudiosos, da área da filosofia e sociologia, concordam que a época atual é marcada por fenômenos que representam um divisor de águas com a Modernidade. Essa época atual denominada como Pós-Modernidade, é permeada por mudanças significativas provocadas e vividas pelo homem, pode-se exemplificar como um fenômeno desse contexto atual, a globalização, que promoveu a unificação das sociedades, e desembocou um novo modo de cultura, comunicação, ligação entre os povos, o que gerou inúmeras mudanças, em nível mundial. Coexistindo com novas condições que põe em perigo a continuidade da espécie humana.

Essa concepção de valores capitalistas que se tornou a pós-Modernidade, teve sua origem na desconstrução de princípios, conceitos e sistemas construídos na modernidade, e desse modo, foram caindo princípios rígidos e arraigados até então, que eram incontestáveis até então. Desta forma, os três valores considerados como conceitos universais e eternos: o Fim, representado por Deus (em certo momento Nietzsche decreta o fim de Deus), a Unidade, simbolizada pelo conhecimento científico e a Verdade, como os conceitos universais e eternos, entraram em decadência acelerada na Pós-Modernidade.

Numa análise de vários autores, a Pós-Modernidade é definida como a época das incertezas, das desconstruções, das fragmentações, das deserções, da troca de valores, do vazio, do niilismo, do imediatismo, da deserção, da efemeridade, do imediatismo, do hedonismo, do

narcisismo, da substituição da ética pela estética, da apatia, do fim dos grandes ideais, do consumo de sensações.

A análise dos conhecimentos decorrentes do estudo da pós-modernidade, reverbera a tentativa de decifrar a experiência de vida nos novos espaços urbanos e na incipiente cultura de consumo que se constitui a partir da segunda metade do séc. XIX, ou seja, agrega uma série de aspectos, que possibilitam vislumbrar com melhor propriedade, o entendimento da cultura de consumo, cristalizada atualmente por vários ícones e tendências, que definem a várias correntes de pensamento que notabilizam o período em questão.

Vários outros fenômenos sociais e culturais são agrupados como peculiares a esse período, decorrentes de inúmeras mudanças, tais como: o impasse histórico do socialismo, a crise ecológica, o declínio da esfera pública e da política, os tribalismos, as novas formas de identidade social, a expansão dos fundamentalismos e as conseqüências da informatização sobre a produção e sobre o cotidiano, são fenômenos que acarretaram ao longo do tempo a fragmentação presente na época atual e por conseqüência a necessidade de discussão sobre a pluralidade e outros modos de pensar sobre a atualidade.

Outras mudanças trouxeram um quadro incerto e ameaçador, como a explosão da bomba atômica em Hiroshima, a ameaça do terrorismo internacional, os fundamentalismos, o perigo de acidentes nucleares. O futuro então parece instável, com o esfacelamento de realidades que até então pareciam ter uma continuidade histórica, perdeu-se a esperança em certas crenças no desenvolvimento da tecnologia de uma forma global, ou que oferecesse melhores soluções/definitivas para vários problemas humanos, e enfraquecendo então a crença na posteridade, daí as ações humanas se focam apenas no presente.

Diante desse novo quadro, soma-se a esse processo a aceleração/ o intenso uso dos meios tecnológicos de comunicação e aos efeitos da globalização na uniformização dos costumes. Decorre daí um novo modelo de sociedade, que flui em meio aos valores ditados pelo consumismo, imediatismo e hedonismo. As pretensões políticas e de busca de poder se tornam mais fracas e vazias de sentido, não há lutas por grandes causas ou grandes ideais. Esse processo acaba gerando um esvaziamento das instituições, num processo denominado por Gilles Lypovetsky, de *deserção do social*.

As sociedades atuais vivem tempos de velocidade, individualismo, essência de enraizamento histórico: em sintonia com o processo civilizatório do mundo ocidental contemporâneo profundamente marcado pelo paradigma da globalização.

Quanto ao mercado de trabalho, os sujeitos percebem sua dinâmica, entendendo que ele não pode ser tomado como dado estático. Tal como as profissões, o mercado de trabalho é datado e contextualizado e, por isto, varia de acordo com as contingências econômicas, educacionais, empresariais e sociais traçadas nas várias instâncias.

Passada a agitação política e cultural dos anos 60, o novo fenômeno que se vê na sociedade, consiste em um processo contrário, ou seja, a despolitização, a dessindicalização e a deserção tomam conta de um novo quadro de apatia, neutralização e de banalização do social. A deserção transparece na ocasião da guerra do Vietnã, em 1975, quando houveram inúmeras deserções, o que antes não acontecia.

A contestação estudantil, a esperança revolucionária perderam a força e a densidade nos próprios conceitos e movimentos. Desse modo, a vida particular ganha maiores possibilidades de ser privilegiada, sem maiores preocupações. É chegado o momento de dedicar-se aos próprios interesses, sem culpa, enfim viver o que as novas contingências do mercado permitem, sem complexos, sem aquele fiel apego às tradições, nem mesmo com a alteridade e com a posteridade.

4.1 - A ESCOLHA PROFISSIONAL E SUA FORMAÇÃO NA CRIANÇA

A criança constrói uma imagem, a partir de sua inserção no mundo, de sua história e vivências. A imagem formada a respeito daquele profissional é tomada tendo em vista às suas necessidades, anseios, valores e desejos e, por isso, identifica-se com aquela/determinada imagem. Valores sociais também estão presentes nesta imagem – o sucesso, o glamour captado, via exposição aos meios de comunicação, mesmo que não pense ainda numa estrutura social. Bock(2006) defende essa valorização do que foi trazido pela criança, não como algo ilusório, fantasioso ou simplesmente distorcido. Na verdade, o autor pontua que a imagem que a pessoa traz (e a maioria traz imagens de quase todas as profissões) é o ponto de partida da escolha profissional.

[...] na escolha de uma profissão - é inegável as influências de fatores como, status, grupo social, nível social. Para esclarecer essas contradições e desigualdades é necessário vislumbrarmos essa realidade, onde alguns sujeitos são preparados para ocupar uma condição superior e outro grupo sem tantas opções de crescimento social, ficam relegados a uma condição inferior. Historicamente essa relação de poder se manteve, sem o questionamento do contexto social, político e econômico, as determinações de ordem cultural. (Bock, 2006)

A abordagem sócio-histórica possibilita a inclusão desses fatores sócio-econômicos, na discussão da escolha profissional porque entende que o sujeito passa por um contexto social e que isso influi decisivamente nas suas escolhas, por vezes a situação econômica limita ou abre um leque maior de escolhas. Entendendo que o sujeito tem a sua parte ativa e outra em grande parte influenciada pela situação social que tem contato. A teoria de Bock(2006) é pautada por essa abordagem interessante, pois pondera/discute as contradições e dificuldades perpassadas pelo sujeito desde a sua infância.

Normalmente a experiência escolar é tida como determinante digno e aceito socialmente, analisado mesmo que empiricamente pela família. As habilidades de leitura e escrita são apontadas como uma qualificação para o indivíduo continuar seus estudos em nível superior, principalmente no tocante a área de humanas. A família, aparece às vezes como limitadora ou facilitadora de decisões – as crianças (sujeitos) começam a observar as experiências profissionais de seus familiares (pais, irmãos, avós) e mais tarde começam a se questionar se deveriam ou não trilhar o mesmo caminho.

Esse percurso escolar deve ser considerado e faz parte do percurso histórico do sujeito(criança), bem como pode oferecer um autoconhecimento da mesma para fins da escolha de uma profissão. Nas conclusões dos estudos e pesquisas de Bock(2006) percebe-se que a experiência escolar não é entendida mais como “a fundamental” e se relativiza sua importância na decisão. Depreende-se de suas experiências e análises de grupos, que os alunos demonstram aproximações e afastamentos das disciplinas curriculares mediados por uma série de circunstâncias que vão desde a empatia estabelecida com o professor, passando pelo conteúdo selecionado e a didática utilizada, pelo grupo de iguais, até a valorização social que se dá à disciplina, tornando histórico e, portanto, passível de mudança, o gosto por elas. Por outro lado, a profissão não é entendida como a somatória das disciplinas escolares.

Outras habilidade são consideradas, além da leitura e escrita, permite-se então, uma ampliação do entendimento das habilidades humanas, outras análises são consideradas. Os sujeitos percebem/compreendem que tais habilidades são construídas na história pessoal de cada um, desenvolvidas dentro do contexto mais amplo. Portanto, não são inatas e, por isto, podem ser modificadas, melhoradas ou substituídas.

Nessa perspectiva a reflexão a respeito de valores sociais e individuais, é considerada e participa da decisão profissional. Esse fator é considerado, mas pontuando-se aqui, o pouco interesse revelado pelos alunos em muitos casos, em perspectivas sociais na escolha e no desempenho da profissão. No Brasil, existe até mesmo um preconceito claro, demonstrado em conversas do cotidiano, relativas a pouca valorização de profissões com aspectos sociais, incluindo aí a de professor das séries iniciais, e outras que lidam com o cuidar.

Os meio de comunicação, as questões de gênero, juntamente com os outros fatores já mencionados como inerentes a esse aspecto na sociedade, como a família, e outros núcleos de convívio, fazem parte da socialização do indivíduo e de sua constituição como sujeito, tendo efeitos decisivos na construção dos interesses e habilidades, bem como das características de personalidade. A abordagem tradicional considerava essas questões como meras influências que deturpariam a visão da verdadeira essência, da vocação mais original do sujeito. A abordagem sócio-histórica defendida por Bock (2006), propicia essa reflexão e análise da historicidade do ser, e entende que a própria pessoa pode interferir nesta construção. Desconstruindo dessa forma os argumentos mais rígidos trazidos pela crença no inatismo, bem como a idéia de destino, colocada pelos preceitos do biológico sobrepujando o social. É notória a preocupação em

sempre historicizar o que a ideologia dominante considera natural ou inato na sociedade e no ser humano.

Todo esse processo vai desembocar num momento de escolha determinado, socioculturalmente. Hoje, para as camadas médias, no Brasil, o momento da escolha de uma profissão se dá ao final do ensino fundamental ou quando da conclusão do ensino médio, ocasiões em que o jovem é considerado apto (no sentido jurídico do termo) para se engajar no mercado de trabalho e/ou num curso secundário de nível técnico, ou a prestar vestibular. A ocasião da escolha profissional não acontece em função de um pressuposto amadurecimento biopsicológico do indivíduo, mas é determinada pela cultura educacional/profissional de uma classe social e/ou de uma sociedade. Mas para as classes baixas, o momento já não se dá de forma tão clara, isto é, não há um marco tão nítido que aponte a hora de pensar sobre o assunto. A urgência da sobrevivência física se sobrepõe a qualquer reflexão.

As concepções de construção da subjetividade ajudam a clarear o sentido do trabalho, examinado nesta investigação. Junqueira (s/d) aponta que o homem “e [a] sociedade vivem [...] uma relação de mediação, em que um expressa e contém o outro, sem se diluírem, sem perderem sua singularidade. Dessa forma, temos como tarefa da psicologia a busca deste indivíduo na sua singularidade, internalizando e expressando sua condição histórica e social, sua ideologia e as relações vividas.” (p.4)

Sirgado (2000) reafirma a concepção apontando que

“a corrente sócio-histórica concebe o psiquismo humano como uma construção *social*, resultado da apropriação, por parte dos indivíduos, das produções culturais da sociedade pela mediação dessa mesma sociedade. [...] A apropriação implica um processo de interiorização das funções psíquicas desenvolvidas ao longo da história social dos homens. A *interiorização* ocorre numa rede complexa de inter-relações que articulam a *atividade* social dos indivíduos.” (p.38)

Assim, a subjetividade, incluindo habilidades e interesses, é forjada na dialética das relações sociais internalizadas. Portanto, a subjetividade é histórica e por isso passível de transformações. Uma boa escolha profissional é prescindida, de um conjunto de intervenções que visem à apropriação dos chamados determinantes da escolha. Esses determinantes levam à compreensão das decisões a serem tomadas.

Vamos buscar uma análise na contribuição das teorias da área da Orientação Profissional no intuito de esclarecer o fenômeno da escolha profissional, relacionando-as ao

sujeito da criança, sendo possível pontuar os pressupostos pertinentes a essa área referentes ao desenvolvimento da criança (sujeito), enfatizando os fatores psicológicos que envolvem a questão. As teorias estão divididas em dois grupos: as teorias psicológicas e não psicológicas.

As teorias não psicológicas entendem que a escolha profissional do indivíduo é causada por elementos externos a ele. São teorias que descrevem o processo de inserção das pessoas no trabalho, mas que não vislumbram qualquer papel ativo para o sujeito.

As teorias psicológicas explicam o que significa esse fenômeno de escolha. Elas analisam os determinantes internos do indivíduo que explicariam seus movimentos de escolha. O sujeito teria o papel ativo (ou parcialmente), e as condições socioeconômica-culturais teriam uma função secundária no processo.

A teoria traço e fator, pressupõe que:

- a) Os indivíduos diferenciam-se entre si em termos de habilidades físicas, aptidões, interesses e características pessoais;
- b) As ocupações também se diferenciam entre si, cada uma exigindo, para um desempenho produtivo, que o profissional apresente aptidões, interesses e características pessoais requeridas pela profissão;
- c) É possível conduzir à compatibilização ideal dessa dupla ordem de fatores através de um processo. (orientação);

Essa teoria pauta sua ação e dá fundamento aos denominados testes vocacionais, que, por mais criticados que tenham sido e sejam, ainda fazem parte do imaginário social, quando o fato é a escolha da profissão. Acredita-se que as aptidões, os interesses e os traços de personalidade são inatos, configurando-se como uma teoria mais conservadora, no âmbito dessa questão.

As teorias são permeadas pelos conceitos de habilidade, aptidão, interesses e características pessoais, como exemplificado na teoria traço e fator.

O conceito de aptidão, no manual dos testes de aptidões especiais DAT, é definido como “condição ou conjunto de características consideradas sintomáticas da habilidade com que um indivíduo (mediante treinamento) pode adquirir conhecimentos, destrezas; conjuntos e reações usualmente especificadas, como a habilidade de falar um idioma estrangeiro, e compor

música” (Bennet, Seashore & Wesman, s/d: 5). Neste manual, critica-se a idéia de que as aptidões sejam entendidas unicamente como inatas, mas conclui-se, que para o teste, não importa a gênese de tais características, pois o fundamental é mensurá-las.

Já Oswaldo de Barros Santos, um dos pioneiros da orientação profissional no Brasil, define a aptidão como “a habilidade natural para determinado gênero de atividade e que depende de muitos fatores para transformar-se em capacidade real e efetiva.”(Santos, 1974:54). A capacidade, segundo ele, é uma habilidade adquirida a partir ou não de uma aptidão (p:54)

O interesse profissional é definido como “atração, preferência, gosto; sentimento de satisfação por determinado tipo de atividade. Sua medida implica descobrir o grau com que o indivíduo prefere essa atividade, ou um certo gênero de atividades em detrimento de outras, sem implicar, contudo, ação executiva na direção dos interesses existentes” (Santos, 1974: 4). Segundo esse mesmo autor, os interesses tendem a se estabilizar a partir do fim da adolescência e mantêm-se durante o período da “maturidade”.

Santos descreve várias formas de conceituar personalidade, apontando que existem desde as fisiológicas até as psicológicas; define-a como um “conjunto integrado, dinâmico e funcional, de todos os atributos físicos e psíquicos que caracterizam o indivíduo e que o diferenciam dos demais” (1974:65).

Para Oswaldo de Barros Santos, a “conceituação dos traços de personalidade é particularmente necessária aos orientadores, a fim de que sejam capazes de interpretar a linguagem psicológica, entendendo ou exprimindo-se adequadamente e, ainda, conhecer os aspectos ou manifestações que, realmente, possam exprimir reações típicas dos orientandos. Nas etapas de aconselhamento, na interpretação dos dados colhidos e no estudo da personalidade do aluno ou orientando, não pode o orientador ignorar a existência de traços que, de uma forma ou de outra, atuam nos ajustamentos pessoais.”(Santos, 1974: 67)

As teorias psicodinâmicas buscam explicar como os indivíduos constituem sua personalidade e, por isso, como se aproximam das profissões. Fundamentando-se na psicanálise, debruçam-se sobre o desenvolvimento das aptidões, interesses e características de personalidade. Portanto, estas teorias representam uma superação da visão inatista de personalidade.

Considerações Finais:

Durante as investigações, estudos e pesquisas, torna-se evidente que o social, o percurso histórico do sujeito, é o caminho que deve ser levado em evidência, quando se trata das percepções sobre as profissões e a escolha profissional. E nesse caminho a escola tem um potencial, ainda não trabalhado em toda a suas possibilidades, de criatividade, leveza e intervenção. Pelo contrário em muitas observações, a escola se mostra como um pequeno complexo social, onde se reflete e reproduz toda uma gama de comportamentos preconceituosos. A começar pelas imagens reproduzidas nos livros didáticos. A escola, infelizmente, ainda é o lugar onde se produz o germe do que Paulo Freire observou e colocou em questão: o oprimido também tem a capacidade de se tornar o opressor dos seus iguais.

Vários autores corroboram em suas teorias e conclusões em relação a socialização, a importância da apreensão da cultura, e com isso, há muitos conceitos que aprofundam este entendimento, e possibilitam uma rica discussão e possibilidade de elaboração de novas propostas de ensino e intervenção em sala de aula, que tratam da importância da socialização, da apreensão de valores, produzindo dessa forma, novos comportamentos, valores e apreensões.

A proposta de levar atividades as crianças que proporcionassem um olhar sobre as profissões, sujeitos envolvidos, preconceitos que se encontram no imaginário instituído, onde é comum se colocar num extremo os trabalhadores considerados num patamar inferior, menos valorizados, vítima até de uma certa invisibilidade social e um outro grupo que se destaca no imaginário social, e também se encaixam também nos desejos, ambições das pessoas em geral, recebendo o respeito e a admiração da sociedade.

A proposta se revelou interessante e pertinente, mesmo que a princípio as crianças mostrem pouco interesse pelo assunto, as imagens trabalhadas, começam a abrir o olhar para várias contradições sociais, preconceito, numa época em que coloca-se em voga vários tipos de preconceitos sociais: pessoas portadoras de necessidades especiais, tratamento aos idosos, como prioridade no atendimento. Percebe-se que as questões relacionadas ao preconceito a profissões e atividades desenvolvidas, costumam serem deixadas de lado e continuam a crescer, com algumas exceções. Pode-se observar na sociologia das relações em vários espaços de convívio social, o

extremo preconceito, muitas vezes velado, esquecido, não mostrado claramente, são aspectos difíceis de ser trabalhados por estarem velados, introjetados, nos comportamentos, irradiados em todas os espaços sociais.

Por mais que a atualidade se revele complexa, com seus mais diversos determinantes do comportamento infantil, que se revelam influenciadores do Imaginário Infantil, a educação se sobrepõe na formação do imaginário, já que esta tem um papel fundamental no processo de elaboração das ligações simbólicas.

Constata-se que a imaginação e conseqüentemente o imaginário evoluem com estímulos fornecidos às crianças, desenvolvendo assim a função simbólica através de texto, imagens e sons. É necessário então que a escola, a qual é responsável pelo primeiro contato da criança com pessoas e situações diferentes daquelas vivenciadas por elas e também por se iniciar o ato de pensar, favoreça o desenvolvimento da imaginação através de recursos apropriados, ambiente estimulador e de professores que possibilitem o uso da imaginação de seus alunos favorecendo assim meios para a formação individual da criança bem como o progresso do raciocínio e da criatividade, do desenvolvimento crítico.

Os imaginários das crianças têm suas particularidades na formação, sofrendo influências entre si a partir das relações estabelecidas no cotidiano, afetando-se e podendo produzir mudanças e deslocamentos nos modos de imaginar e trabalhar com seus repertórios imagéticos.

Não se deve trabalhar apenas com os elementos trazidos pelos alunos, mas propor um avanço na compreensão dos determinantes, colocando novos conteúdos que permitam ampliação desta compreensão. Trata-se de um trabalho de cunho educativo, mas que não se deixa de se constituir como intervenção para a promoção de saúde, na medida em que trabalha com o indivíduo a partir de suas relações sociais, buscando compreendê-las e transformá-las conforme propõem Aguiar & Bock (1995).

A melhor escolha profissional é aquela que consegue dar conta (reflexão) do maior número de determinações para, a partir delas, construir esboços de projetos de vida profissional e pessoal.

É interessante notar que a Pedagogia em si, com seus saberes agregados, oferece uma possibilidade imensa de discussão e intervenção, nesse processo contínuo de repassar os

conhecimentos, valores, comportamentos, principalmente às crianças, que ainda não tem cristalizado vários tipos de preconceitos arraigados há séculos, e como origens históricas e difíceis de se transformar na sociedade atual.

Referências

ALEVATO, H.M.R. *Qualidade: um mito pós-moderno*. In: Alves, N; Rangel, M. (Org.) *Representação social e educação*. Campinas: Papirus, 1999.

ARRUDA, A. *As representações sociais: desafios de pesquisa*. Revista de Ciências HUMANAS. Série Especial Temática. Florianópolis. UFSC, 2002

BOCK, Silvio Duarte. *Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica*. 3ª edição, São Paulo: Cortez, 2006.

CASTORIADIS, C.A. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *As encruzilhadas do Labirinto I. Os domínios do homem*. Idem, 1987.

_____. *As encruzilhadas do Labirinto III. O mundo fragmentado*. Idem, 1992.

CASTORIADIS, C. ; BENDIT, D.C. *Da ecologia à autonomia*. Lisboa: Centelha, 1981

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994

FERREIRA, S. *Figuração e imaginação: um estudo da constituição social do desenho infantil*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1996.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Lisboa: Europa – América, 1982.

SIGARDO, Angel P. "O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano" In: BOCK, Silvio Duarte. *Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica*. 3ª edição, São Paulo: Cortez, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semionovich): *Imaginação e criação na Infância. Apresentação e comentários*, Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes - São Paulo: Ática, 2009.

Representação das Profissões no Imaginário Infantil

Angela Cristina Bandeira de Oliveira

RESUMO

O presente trabalho consiste na intervenção e aplicação de atividades experimentais com a finalidade de se entender a temática das profissões. A metodologia usada consistiu em uma proposta de representação em forma de desenho com a temática. "O que você vai ser quando crescer", em uma escola com alunos da 3ª série. Partindo de representações das imagens das profissões lembradas na memória por parte das crianças, vão sendo trabalhados os conceitos de significação, símbolos, imagens, imaginação, imaginário relacionadas as profissões, tendo como pano de fundo a sociedade atual, com suas contradições e questões, relacionadas ao trabalho. A inspiração para o aprofundamento teórico, foram as imagens elaboradas pelas crianças, que representam símbolos e representações da sociedade atual, que tem no consumismo seu motor de estímulo a várias atividades, inclusive a escolha profissional. Os teóricos utilizados basearam-se em autores da área da Sociologia da Educação e da Psicologia Sócio-interacionista, que tratam do tema do imaginário em representações gráficas ou na escrita ou em situações de brincadeiras e jogos.

Palavras-chave: Imaginário, Profissões, Representações, Atividades experimentais, Percepções.
